

Congregação dos Rogacionistas do Coração de Jesus

«Reaviva o dom de Deus» (2Tm 1,6)

Os votos religiosos na vida dos Rogacionistas

Carta do Superior Geral

Pe. Bruno Rampazzo

Roma, 2026

Apresentação

Caros coirmãos,

é com o coração cheio de gratidão e reconhecimento para com o Senhor que demos início às celebrações do centenário do nascimento o céu de nosso Fundador, Santo Aníbal Maria Di Francia.

Este aniversário é uma ocasião importante para «reavivar o dom de Deus» (cf. 2 Tm 1,6) que nos foi concedido, voltando o nosso olhar para Cristo, que nos chamou a segui-Lo e a partilhar a sua vida. Valorizando o que o Santo Aníbal nos disse na Quinta Declaração reconhecemos que «a essência da Vida Religiosa consiste na Pobreza, na Obediência e na Castidade».

Nos últimos Capítulos Gerais da Congregação, foi repetidamente sinalizada a pouca atenção que se dedica a estes dons dos Votos, que caracterizaram a vida de Cristo, que nos foram entregues como conselhos evangélicos e que devem orientar a nossa vida consagrada rogacionista.

Agora, à medida que nos aproximamos da data de 6 de agosto, Transfiguração do Senhor, primeiro centenário da aprovação canônica da Congregação dos Rogacionistas e das Filhas do Divino Zelo (1926-2026), acolhendo o sentimento dos nossos coirmãos, desejo partilhar convosco uma breve reflexão sobre os Votos Religiosos, «pérolas preciosíssimas e graças especialíssimas», como costumava afirmar Santo Aníbal Maria.

1.

Na raiz da questão sobre a espiritualidade

Uma renovação da necessidade de espiritualidade

Ao longo dos últimos anos, tem-se sentido, em vários âmbitos, uma renovada necessidade de espiritualidade. Esta necessidade não provém apenas dos meios religiosos, das instituições eclesiais e das comunidades de base, mas surge sobretudo no mundo laico, brota do coração de muitas pessoas que procuram respostas autênticas aos desafios globais, cada vez mais ameaçados por injustiças, discriminações, violência de gênero e processos de exclusão. O que está em jogo é muito importante. Do Oriente ao Ocidente, do Sul ao Norte do mundo, sente-se o desejo urgente de interpretar o sentido da vida no horizonte do «Totalmente Outro».

Refletindo sobre a necessidade de promover a «nova evangelização», o Papa Leão XIV salienta que hoje surge uma «forte procura de espiritualidade», sobretudo por parte dos jovens. A nova geração não tem preconceitos em relação ao Evangelho; pelo contrário, muitos, quando o redescobrem, desejam conhecê-lo melhor, porque percebem que nele se esconde o segredo para serem verdadeiramente felizes.

Na recente carta encíclica *Magnifica Humanitas*, o Papa Leão convida-nos a refletir sobre as consequências do «paradigma tecnocrático» e sobre o papel do «poder digital», que deve ser governado numa perspetiva de humanização e de respeito pela dignidade e pela liberdade de cada pessoa humana. Colocamo-nos nesta linha para acolher a exortação do Papa Leão a fazer um necessário discernimento espiritual¹.

Recomeçar a partir da identidade carismática

Para nós, o discernimento espiritual implica um aprofundamento da identidade carismática que constitui o ser discípulos de Jesus no caminho traçado por Santo Aníbal M. Di Francia. Enquanto nos preparamos para viver o centenário da morte de Santo Aníbal (1927-2027), acolhemos o convite para viver um autêntico discernimento à luz da história fecunda da «família do Rogate»².

O discernimento espiritual consiste em reinterpretar o valor que gera o carisma do Rogate à luz das mudanças ocorridas no tempo presente, sabendo captar os sinais do projeto de Deus, a Providência divina, que se manifesta na história e, em particular, na nossa família religiosa³. Estamos convictos de que a fecundidade da vida batismal e do percurso espiritual da família do Rogate está fundamentada na assimilação cada vez mais consciente e qualificada da nossa identidade carismática e na sua progressiva encarnação no âmbito eclesial e social do povo de Deus.

O dom dos votos da vida religiosa

Em vista da necessidade de discernimento espiritual e da consequente necessidade de renovação da vida consagrada⁴, pretendemos centrar a nossa atenção no dom dos votos religiosos⁵, que marcam a nossa vontade comum de santificação segundo o estilo do Evangelho. Este estilo foi interiorizado e vivido de forma extraordinária pelo nosso fundador e por todos aqueles, homens e mulheres, que responderam com generosidade ao apelo do carisma rogacionista desde as origens da nossa família religiosa. Estamos convencidos da necessidade de aprofundar o valor e a qualidade dos votos religiosos de castidade, pobreza e obediência⁶, aos quais se acrescenta o quarto voto da oração do Rogate. Este aprofundamento qualitativo deve ser contextualizado no caminho que estamos a percorrer rumo ao Jubileu Annibaliano

¹ Cf. Leão XIV, *Magnifica Humanitas*, Cidade do Vaticano 2026, n.ºs 92-93.

² Cf. B. Rampazzo, *Rumo ao Jubileu em oração com o Padre Annibale*. Carta Circular do P. Bruno Rampazzo à Família do Rogate, Roma 2024.

³ Cf. Congregação dos Rogacionistas do Coração de Jesus, *Constituições*, Roma 2010, art. 9.

⁴ Cf. A. Pigna, *Vida consagrada*, em *Dicionário de Pastoral Vocacional*, a cargo do Centro Internacional Vocacional Rogate, Editrice Rogate, Roma 2002, 1269-1283.

⁵ Cf. A. Pigna, *Voto*, em *Dicionário Enciclopédico de Espiritualidade*, a cargo de E. Ancilli, vol. III, Città Nuova, Roma 1995, 2689-2693; S. Majorano, *Votos*, em *Novo Dicionário de Teologia Moral*, editado por F. Compagnoni, G. Piana, S. Privitera, San Paolo, Cinisello Balsamo (MI) 19994, 1520-1526. Para um aprofundamento bíblico, cf. R. Cavedo, *Voto*, em *Dicionário Bíblico da Vocação*, editado por G. De Virgilio, Centro Internacional Vocacional Rogate, Roma 2007, 1009-1011.

⁶ Cf. G. Firszt, «Pobreza, obediência, castidade: sobre a formação na tríade clássica dos conselhos evangélicos nos dias de hoje», em *Itinera Spirituality* 1 (2008) 113-134.

de 2027 e impele-nos a encarnar cada vez melhor o estilo evangélico da vida consagrada, para que se fortaleça em plenitude e possa continuar a ser um testemunho credível da alegria de estarmos unidos ao Pai, em Jesus Cristo, por meio do Espírito Santo.

A memória viva dos votos na vida consagrada

É necessário recordar que «os votos religiosos são um compromisso solene e perpétuo de viver de forma integral os conselhos evangélicos, a resposta da criação ao convite de Deus que chama a uma vida particularmente comprometida em imitar integralmente Cristo»⁷. Ao abraçar a prática dos conselhos evangélicos, cada um de nós comprometeu-se a viver os votos da vida consagrada com coração indiviso no seio de uma comunidade religiosa concreta, aberto à comunhão eclesial num estilo de fraternidade familiar e de serviço recíproco. Como lembra o Apóstolo Paulo a Timóteo, também nós sentimo-nos interpelados pelo convite a «reavivar o carisma de Deus» que recebemos (2 Tm 1,6) e a fazê-lo frutificar para o bem da Igreja e da família do Rogate. A memória do dom recebido deve tornar-se cada vez mais viva, concreta e dinâmica. Partindo da confirmação do nosso esforço constante e quotidiano, aprofundamos o valor da escolha livre de acolher e encarnar os conselhos evangélicos⁸, seguindo o caminho traçado por Santo Aníbal.

2.

Os votos religiosos no seguimento de Jesus Cristo

Com o olhar fixo em Jesus Cristo

É fundamental saber situar a reflexão sobre a natureza dos votos na vida consagrada, mantendo o olhar fixo na pessoa de Jesus Cristo. É a Ele que pretendemos seguir e é Nele que queremos confirmar a vocação para a qual fomos chamados. O caminho interior de assimilação à pessoa de Jesus implica um empenho interior constante. Tal dedicação é ainda mais necessária para aqueles que vivem o carisma do Rogate e se comprometem a implorar ao Pai celestial «para que envie trabalhadores para a sua messe» (Mt 9,37). Precisamente porque a nossa identidade de batizados e consagrados assenta fundamentalmente no seguimento de Jesus, o nosso modelo continua a ser a Sua pessoa, autenticamente humana e essencialmente divina. Nos relatos evangélicos e nos testemunhos neotestamentários decorrentes deles, Jesus de Nazaré é designado com vários títulos cristológicos⁹. A nossa atenção centra-se em quatro qualificações que se relacionam com quatro votos: a) Jesus «esposo», exemplo de castidade; b) Jesus «pobre», exemplo de essencialidade; c) Jesus

⁷ A. Pigna, *Voto*, 2690-2691.

⁸ Cf. A. Lattuada, *Conselhos evangélicos*, em *Novo Dicionário de Teologia Moral*, 137-145; A. Pigna, *Conselhos*, em *Dicionário Enciclopédico de Espiritualidade*, vol. I, 610-614.

⁹ Para aprofundar o tema numa perspectiva vocacional, cf. R. Fabris, «Jesus Cristo», em *Dicionário Bíblico da Vocação*, 359-365.

«obediente», exemplo de plena conformidade com a vontade do Pai; d) Jesus «mestre» da oração do Rogate.

Primeiro voto: Jesus «esposo», exemplo de castidade

«Oferecei os vossos corpos como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus» (Rm 12,1). Na lógica da doação total, somos chamados a viver a castidade em resposta ao chamamento do Senhor. A virgindade para o reino dos céus constitui um sinal precioso que indica o primado da comunhão nupcial com Deus. É um sinal fecundo da «vida futura», testemunhado no presente da nossa história. A doação da «castidade» pelo reino dos céus está profundamente enraizada na tradição cristã e na prática da vida consagrada¹⁰. Do ponto de vista bíblico, a castidade¹¹ envolve a esfera da pessoa, tendo como centro a dimensão afetiva e volitiva do «coração».

Aprofundamento bíblico

Na revelação bíblica, o termo «coração» (hebr.: leb; grego: kardia) está ligado a várias imagens e figuras que aludem à consciência íntima do homem, à sede profunda da sua identidade misteriosa, na qual ele percebe a pretensão do seu próprio ser e da sua verdade projetual. O coração não significa diretamente o amor, mas o centro da pessoa, que em Cristo é todo amor. Estreitamente ligado à categoria do coração está o tema da «nupcialidade», simbolizada pela relação entre noivo e noiva e através dos símbolos que constituem a relação de amor. A imagem nupcial é utilizada tanto na perspectiva antropológica como na teológica, sobretudo para falar da fidelidade à aliança. O amor fiel de Yhwh é o amor de um «noivo» pela sua «noiva». É o próprio Deus que se define como «noivo» (cf. Is 54,5) para expressar simbolicamente o seu amor por todas as criaturas e, em particular, pelo povo eleito.

Para além da história comovente expressa no Cântico dos Cânticos, dedicada à epopeia do amor como símbolo teológico da relação entre Yhwh e o povo, a imagem nupcial está presente na Bíblia em outros momentos importantes, em contextos e com protagonistas diferentes, particularmente nos livros proféticos. O protagonista mais conhecido é o profeta Oséias e a sua experiência matrimonial (cf. Os 1-3), da qual se depreende a profunda simbologia nupcial aplicada ao julgamento profético da infidelidade do povo à aliança com Deus. A história de amor sofrido do profeta revela o projeto de salvação de Deus, concluindo com o amor que salva o seu povo da infidelidade: «Eu os curarei da sua infidelidade, amá-los-ei de todo o coração, pois a minha ira se afastou deles» (Os 14,5).

A simbologia nupcial ligada ao tema do coração está presente em Jeremias (Jr 31,31-34) e Ezequiel (Ez 36,24-28), com traços semelhantes aos do profeta Oséias.

¹⁰ Cf. A. Marchetti – M. Caprioli, *Castidade*, em *Dicionário Enciclopédico de Espiritualidade*, vol. I, 467-474; S. Majorano, *Virgindade consagrada*, em *Novo Dicionário de Teologia Moral*, 1427-1435; R. Cantalamessa, *Virgindade*, Ancora, Milão 2014. No que diz respeito ao contexto rogacionista, cf. Congregação dos Rogacionistas do Coração de Jesus, *Constituições*, art. 31-36.

¹¹ Cf. D. Marzotto, *Castidade – Virgindade*, em *Dicionário Bíblico da Vocação*, 106-117.

Em continuidade com o motivo nupcial do Antigo Testamento, a metáfora da união nupcial é aplicada à reflexão cristológica e eclesiológica do Novo Testamento. O binómio «noivo/noiva» (hebr.: kallāh; grego: nymphē-nymphios) aparece no Novo Testamento quase exclusivamente em sentido figurado. Nos evangelhos sinóticos, encontramos o uso nupcial em Mt 9,15 (ver também: Mc 2,19-20; Lc 5,33-35), onde é o próprio Jesus que se define como «noivo», usa a imagem de uma festa nupcial para descrever a sua vinda salvífica na história. A dimensão nupcial é evidenciada na parábola escatológica das dez virgens (Mt 25,1-13), confirmando como o valor da virgindade se projeta no mistério eterno de Deus, plenitude de amor.

Aplicação espiritual

Viver com um coração casto a condição da virgindade significa seguir Jesus Cristo, o «esposo», deixar-se guiar pelos seus sentimentos, deixar transparecer na nossa vida a dinâmica de um coração livre e capaz de se abrir a todos. Neste estilo, somos chamados a testemunhar a alegria da doação de nós mesmos nas relações com Deus e com o próximo. Quem segue Cristo, o Esposo, ama com todo o seu ser e decide servir os outros com um coração indiviso. Reafirma-se, nesta condição existencial, a importância de nos tornarmos «eunucos pelo reino dos céus» (Mt 19,12) e a beleza da castidade, não considerada como uma mera renúncia, mas como uma preciosa oferta espiritual.

Palavra de Santo Aníbal

«No que diz respeito à castidade, reconheço que esta é aquela virtude preciosa que Jesus Cristo, Nosso Senhor, trouxe à Terra para a conceder como dom aos seus ministros eleitos e às almas bem-aventuradas que Ele chama misericordiosamente à mais íntima união de amor, por meio da vida religiosa... Reconheço que este voto é um dos deveres mais sagrados do sacerdote e do religioso, e que mesmo a violação venial e voluntária deste voto emitido, é o início de um relaxamento negativo em todas as outras virtudes, de um obscurecimento do intelecto, de um enfraquecimento das forças espirituais e de uma maior ousadia do demônio em redobrar as suas tentações, e é um caminho para a ruína total da alma.

Portanto, se eu não for casto de alma e de corpo, de mente e de coração, não serei humilde, não serei obediente, não serei sincero, não serei observante, não serei nem religioso, nem cristão!... Prometo contemplar sempre a excelência e a importância da castidade, e implorar diariamente e com fervor toda a ajuda do Santíssimo Coração de Jesus, da Santíssima Virgem Imaculada, dos Anjos, dos Santos e do meu Santo Anjo da Guarda, para guardar zelosamente, imune à mais leve mancha, a Santa Castidade... Declaro e prometo que me empenharei com todas as minhas forças, e até ao último suspiro da minha vida, em cultivar a castidade interna e externa. Para guardar a Santa Castidade, amarei a mortificação, tanto do amor-próprio como dos sentidos» (cf. 5.^a Declaração, Constituições, Roma 2010, p. 174-177).

Segundo voto: Jesus «pobre», exemplo de essencialidade

Ao apresentar o valor espiritual da doação, o Apóstolo Paulo dirige-se aos Coríntios com as seguintes palavras: «Pois conheceis a graça do Senhor nosso Jesus Cristo: sendo rico, tornou-se pobre por vossa causa, para que, pela sua pobreza, vos tornásseis ricos» (2 Cor 8,9). Como tal, a pobreza caracteriza a condição dramática de privação dos bens necessários, a nível pessoal, familiar e comunitário. São diversas as formas de pobreza que nos são conhecidas: desde a condição de necessidade económica até à marginalização social, desde a privação de relações familiares e afetivas até às situações de doença, solidão e idade avançada. O segundo voto que somos chamados a viver no seguimento de Cristo traduz-se na escolha de nos tornarmos pobres pelo reino dos céus.

Aprofundamento bíblico

Do ponto de vista bíblico, o tema dos pobres e da sua assistência está amplamente atestado tanto no Antigo como no Novo Testamento¹². Tanto na vertente narrativa como na normativa, reitera-se que Deus protege os pobres e defende os fracos (cf. Dt 15,1-15; Is 29,19). As histórias patriarcais (Jacó, José), o evento do Êxodo e as etapas subsequentes da história de Israel confirmam a constante benevolência de Yhwh para com os mais desfavorecidos. A comunidade do povo eleito é chamada a viver o mesmo amor solidário de Deus. Nesta linha inscrevem-se as atitudes exigidas em favor dos necessitados, comprovadas na legislação mosaica (cf. Dt 24,10-15). No livro dos Provérbios, pede-se ao fiel que defenda quem é indigente (cf. Pv 22,22-23). Para além do ano sabático, que é objeto de um conjunto de disposições orientadas para a atenção solidária para com os pobres (cf. Êx 23,10-12; Lv 25,6-7) e ao ano jubilar (cf. Lv 25,8-55), destacam-se as normas relativas à hospitalidade e as prescrições legais que impõem o reconhecimento dos direitos fundamentais: o direito à subsistência (cf. Lv 19,20; 23,22), ao respeito (cf. Êx 22,20-23; 23,9) e à benevolência (cf. Dt 10,19). Da mesma forma, o estrangeiro (hebraico: ghēr; grego: xenos) que se encontra numa situação de precariedade económica deve ser acolhido e ajudado, tal como acontece com as viúvas e os órfãos de Israel. Na oração de Israel, é mencionado o conceito de saber ver, no pobre e no seu sofrimento, a presença de Deus. Retomando essa tradição, Jesus revela o amor preferencial pelos pequenos e pelos necessitados. São eles que encarnam e testemunham a bem-aventurança (cf. Lc 6,20) e neles é preciso saber reconhecer e servir o próprio Jesus (cf. Mt 25,40). Jesus de Nazaré escolheu viver no meio do povo com sobriedade e simplicidade. O seu ensinamento adverte contra o uso egoísta dos bens e das riquezas. A quem deseja segui-lo no caminho da missão, Jesus confia que não possui sequer «uma pedra onde repousar a cabeça» (cf. Lc 9,57-62). Quem é chamado ao discipulado abandona as suas certezas (cf. Lc 5,11), para escolher uma existência «pobre» e partilhada com o Mestre.

¹² Cf. L. Vari, *Pobre*, em *Dicionário Bíblico da Vocação*, 715–723; R. Cantalamessa, *Pobreza*, Ancora, Milão 2012. Para a família rogacionista, cf. Congregação dos Rogacionistas do Coração de Jesus, *Constituições*, art. 31-36.

Neste sentido, a condição de pobreza deve levar os fiéis a um empenho frutífero voltado para o serviço da comunidade. A pobreza livremente escolhida pelo reino dos céus não deve ceder ao vitimismo e à passividade, mas implica a confiança na Providência divina, vivida num estilo de oração, de gratidão e de partilha com quem carece do necessário¹³. «Há mais alegria em doar do que em receber» (At 20,35). Desse modo, a Igreja primitiva, com a sua pobreza, torna-se cada vez mais um sinal de inclusão, de partilha e de esperança que atua entre o povo (cf. At 2,42-47; 4,32-35). A sua existência simples, fundada na imitação da pobreza de Cristo, transforma-se em testemunho do Evangelho, em dinamismo inclusivo, num estilo de serviço (cf. Tg 2,1-13). Em diversos contextos das cartas paulinas, reitera-se a excelência da pobreza evangélica, tendo presente a exortação dirigida aos ricos para que não sejam orgulhosos, mas pratiquem o bem, enriqueçam-se com boas obras e estejam prontos a dar e a partilhar (cf. 1 Tm 6,18-19).

Aplicação espiritual

Seguir Cristo na vida de consagração significa aprender a conservar um coração «pobre», desapegado dos bens, aberto à partilha e à fraternidade. É conhecida a tradição do acolhimento fraterno, sobretudo dos necessitados, nas comunidades rogacionistas. O caminho dos pobres é aquele que S. Aníbal enveredou, seguindo o exemplo de Jesus. A pobreza vivida nos primeiros tempos do santo de Messina, sobretudo para com os pequenos e as pessoas frágeis, encontrou sempre respostas da Providência que superaram as expectativas. Viver o voto de pobreza pelo reino dos céus significa assumir o mesmo estilo de Cristo, abandonando-se à Providência do Pai e confirmando a opção preferencial pelos pobres, na consciência de que as obras por nós realizadas não podem ser bens de lucro, mas instrumentos de serviço ao Evangelho.

Palavra de Santo Aníbal

«Quanto à Santa Pobreza, declaro reconhecê-la como uma pérola preciosíssima e como um alicerce sólido, não só da minha vocação, mas da existência de todo o Instituto. Ao consagrar-me a este Instituto, pretendo consagrar-me, com grande fervor de amor, à Pobreza Evangélica, contemplando-a na Pessoa Adorável de Jesus Cristo, Nosso Senhor, e da Santíssima Virgem, e tal como foi praticada com santo entusiasmo pelos Santos. Considerá-la-ei como fonte de tesouros celestiais inestimáveis e acreditarei firmemente que, enquanto este Instituto for evangelicamente pobre e se orgulhar da Santa Pobreza, permanecerá firme e inabalável, e progredirá dia após dia; mas caso se descuide no amor e na prática da Santa Pobreza, irá à ruína e à dissolução... Por isso, estarei muito atento para não cair na não observância da Santa Pobreza... Com a ajuda do Senhor e com boa vontade,

¹³ Cf. P. Coda, *Pobreza*, em *Dicionário Enciclopédico de Espiritualidade*, vol. III, 1979-1989; L. De Candido, *Pobre*, em *Novo Dicionário de Espiritualidade*, editado por S. De Fiores - T. Goffi, Paoline, Cinisello Balsamo (MI) 1985, 1241-1259. Para o contexto rogacionista, cf. Congregação dos Rogacionistas do Coração de Jesus, *Constituições*, art. 37-43.

prometo, no que diz respeito à teoria, em caso de controvérsia, discussões ou interpretação de pontos da Regra, inclinar-me sempre para o lado mais rigoroso da Pobreza Evangélica; e, no que diz respeito à prática, prometo abraçar a Santa Pobreza em todas as suas manifestações... Prometo que amarei a Santa Pobreza em todos os seus inconvenientes, por amor a Jesus, meu Senhor pobre e sofredor. Por isso, aceitarei com resignação se me faltar alguma coisa que não possa ter, e suportarei em paz essa privação. Em contrapartida, regozijar-me-ei se me couber ter um quarto humilde, vestuário humilde, alimentação humilde e todo o resto... Rezarei sempre ao Senhor para que me conceda o espírito da Santa Pobreza» (cf. 5.^a Declaração, Constituições, Roma 2010, p. 169-171).

Terceiro voto: Jesus «obediente», exemplo de plena conformidade com a vontade do Pai

O dom da «obediência» para o reino dos céus¹⁴ deve ser considerado uma das formas mais elevadas de liberdade, de unidade e de comunhão eclesial, seguindo o exemplo de Jesus Cristo. O exercício do voto de obediência implica, pelo menos, três elementos: a capacidade de ouvir, o respeito no diálogo e a disponibilidade para colaborar. É fácil compreender como a obediência vivida na sua dimensão ativa e colaborativa implica um elevado grau de maturidade humana e espiritual.

Aprofundamento bíblico

Do ponto de vista bíblico, a obediência é apresentada em múltiplos contextos narrativos que revestem um valor simbólico e exemplar.¹⁵ O fundamento do ato de obedecer está ligado ao reconhecimento da autoridade soberana de Deus criador, que se concretiza através da «fé». É necessário remontar precisamente ao ato criativo com o qual Deus expressa o seu domínio sobre o mundo e sobre a história (cf. Jer 27,5) para compreender a ideia de que toda a criatura é chamada a obedecer ao Senhor (cf. Jdt 16,14), demonstrando-Lhe confiança e gratidão (cf. Sal 119,73). Em particular, o ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus, deve poder reconhecer-se como destinatário de uma relação especial, na qual se conjuga a grandeza do Criador com a resposta obediente da criatura. Desde os relatos do Génesis que à obediência se opõe a desobediência do homem à ordem divina (cf. Gn 3,1-24). O exercício da liberdade está intimamente ligado à resposta que o ser humano dá ao Criador. A sua desobediência (o «pecado original») tem consequências dramáticas para a condição do homem no mundo. A história da salvação articula-se no exercício da virtude da obediência. Nessa perspetiva insere-se a figura de Abraão, apresentado como exemplo do crente cuja fé se expressa sobretudo como seguimento obediente a Deus (cf. Gn 12-25). Na esteira traçada por Abraão segue toda uma multidão de crentes que, na sucessão de acontecimentos que marcam as etapas da história bíblica, fizeram da

¹⁴ T. GOFFI, *Obbedienza*, in *Dizionario enciclopedico di Spiritualità*, vol. II, 1739-1743; R. CANTALAMESSA, *Obbedienza*, Ancora, Milano 2014. Per il contesto rogazionista, cf. CONGREGAZIONE DEI ROGAZIONISTI DEL CUORE DI GESÙ, *Costituzioni*, artt. 44-47

¹⁵ Cf. P. L. FERRARI, *Obbedienza – volontà di Dio*, in *Dizionario Biblico della Vocazione*, 616-623.

escuta obediente ao Senhor uma razão de vida. A obediência exigida por Yhwh ao povo da aliança concretiza-se na aceitação e na observância da Lei (Torá). A fé e a obediência caracterizam as mulheres e os homens da Bíblia, sobretudo as figuras que lutam pela justiça, opondo-se à lógica da violência e da injustiça. Entre todos, destaca-se a figura do «servo sofredor de Yhwh», que escuta a palavra de Deus, vive na justiça e entrega a sua vida em resgate do seu povo (cf. Is 50; 52-53). O homem sábio é aquele que sabe ouvir a palavra do Senhor e obedece aos seus preceitos (cf. Pv 19,27-28). Da mesma forma, ao longo da sua missão, Jesus convida o povo a ouvir a pregação, que é como uma «semente» lançada na boa terra para que dê fruto (cf. Mc 4,1-9). Tal como quem constrói a casa sobre a rocha, a pessoa que ouve e acolhe as palavras do Senhor permanece salva nos momentos de crise. Pelo contrário, quem desobedece não resistirá quando chegarem as provações e as dificuldades (cf. Mt 7,24-27). O exemplo supremo de obediência a Deus é representado por Jesus Cristo, que escolheu encarnar-se no mundo e, como «servo», aceitou morrer na cruz (cf. Fl 2,6-8). A sua obediência vicária foi acolhida pelo Pai, que o ressuscitou e lhe concedeu o título de «senhor», colocando-o ao seu lado na glória (cf. Fl 2,9-11). O autor da Carta aos Hebreus sublinha o exemplo de Cristo, que obedeceu em tudo à vontade do Pai, oferecendo-se a si mesmo pela salvação da humanidade; Ele, «apesar de ser Filho, aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu» (Hb 5,8). O estilo de obediência nas primeiras comunidades cristãs manifesta-se num contexto «doméstico» (domus ecclesia), caracterizado pelo ministério, pelo serviço e pela docilidade no amadurecimento da consciência. Cada crente exerce a sua obediência a Deus em Cristo e reconhece no irmão a autoridade e a dignidade que lhe são próprias. O apóstolo Paulo sublinha a importância teológica da obediência da fé, entendida como um caminho de escuta, de acolhimento do Evangelho e de interiorização. Viver a obediência significa aderir a Jesus Cristo e ao seu Evangelho, difundido através do ensinamento apostólico (cf. At 6,7; Rm 6,17; 10,16; 2Ts 1,8; Hb 5,9). O crente vive ativamente a obediência a Deus e à Igreja, acolhendo o dom da verdade (Gal 5,7; 1 Pe 1,22) e guardando a sua riqueza. A adesão à fé traduz-se num compromisso moral, que implica o dever do diálogo e do respeito mútuo, na consciência do papel da autoridade competente. A obediência é recomendada no âmbito da vida familiar (Col 3,20; 6,1-3), em particular entre os cônjuges (cf. Ef 5,22; Col 3,18) e no ministério eclesial (cf. Fil 2,12; Hb 13,17). Esta estende-se aos âmbitos sociais (Rm 13,1-7) e deve promover uma cultura de reconciliação e de valorização de cada pessoa.

Aplicação espiritual

Viver o voto de obediência significa tornar o coração disponível para acolher e colaborar com aqueles que servem na Igreja, exercendo a autoridade que o Senhor lhes conferiu. Neste sentido, a obediência representa uma dimensão fundamental da espiritualidade do consagrado, chamado a crescer na liberdade e na corresponsabilidade. Reconhecendo nos superiores a expressão da paternidade de Deus, colocamo-nos à escuta da sua palavra e seguimos o exemplo de Cristo, que se fez obediente até à morte na cruz (Fil 2,8). A eficácia da obediência manifesta-se na

capacidade geradora (e não destrutiva) das relações eclesiais, sobretudo quando se enfrentam situações de dificuldade e de crise de autoridade.

Palavras de Santo Aníbal:

«No que diz respeito à Santa Obediência, declaro reconhecer que esta virtude constitui a vida e a existência de cada Instituto Religioso; e, uma vez que toda a ordem natural subsiste porque os elementos obedecem às leis estabelecidas pela Vontade Divina, e se pudessem desobedecer a essas leis, toda a Criação se dissolveria num instante, assim reconheço que, sem a Obediência perfeita e fiel, uma Casa religiosa não poderia existir, pois faltariam-lhe os meios naturais e sobrenaturais da sua existência. Reconheço firmemente que a Santa Obediência é uma virtude de perfeita santificação e de perfeita união com Deus, pois, ao obedecer aos Superiores e às regras, cumpre-se perfeitamente a Vontade do Altíssimo.

«Reconheço que a Santa Obediência religiosa é o caminho mais certo, seguro e breve para alcançar a grande perfeição, e que uma Casa religiosa onde todos obedecem religiosamente é um Reino de Deus na terra; reconheço que a humilde obediência é a perfeita imitação de Jesus Cristo, nosso Senhor, que se empenhou em cumprir sempre a Vontade do seu Pai (cf. Jo 4, 34; 14,31), e se fez obediente até à morte na cruz (cf. Fl 2,8), e que a alma obediente, por este caminho, se transforma em Jesus Cristo... Empenhar-me-ei com todas as minhas forças, e mesmo fazendo violência a mim mesmo, em obedecer em tudo e de todo modo aos meus Superiores e às nossas regras ou Constituições...

«Prometo que a minha obediência será motivada por razões sobrenaturais, ou seja, na pessoa dos Superiores verei a própria pessoa de Jesus Cristo, e obedecerei por amor a Deus, para agradar ao Santíssimo Coração de Jesus, para me santificar e salvar, e para dar o bom exemplo aos outros...

«Rezarei todos os dias ao Adorável Coração de Jesus para que me torne perfeitamente obediente» (cf. 5.^a Declaração, Constituições, Roma 2021, pp. 171-174).

Quarto voto: Jesus, «mestre» da oração do Rogate

O dom da «oração do Rogate»¹⁶ constitui o valor característico da identidade rogacionista e da sua missão eclesial. Nele se resume e se encerra o dinamismo da oração pelas vocações, acompanhado pelo empenho de caridade, ao serviço da «grande colheita» que implica o envio de bons trabalhadores. O pedido singular de Jesus aos discípulos em Mt 9,37-38; Lc 10,2 foi tão importante para Santo Aníbal que se tornou o «coração pulsante» do testemunho que toda a família rogacionista continua a exercer na Igreja e no mundo. O carisma concedido ao fundador traduz-se

¹⁶ Cf. Congregação dos Rogacionistas do Coração de Jesus. A Regra de Vida Rogacionista, Expressão da consagração, garantia da identidade carismática, sustento da comunhão fraterna, projeto da missão. Documento do XI Capítulo Geral, Roma 2010; Id., Ao ver as multidões, teve compaixão delas e disse: Rogate. A nossa identidade carismática perante os desafios de hoje, Documento do XII Capítulo Geral, Roma 2016.

no cumprimento do quarto voto¹⁷, «pelo qual nos comprometemos a orientar e a oferecer ao Senhor da colheita a nossa vida e todas as obras que constituem o património espiritual e apostólico do Instituto»¹⁸.

Aprofundamento bíblico

O pedido do Rogate surge no contexto da atividade apostólica de Cristo relatada nos Evangelhos, segundo a duas tradições de Mateus e Lucas¹⁹. Podemos destacar os aspetos mais significativos da mensagem evangélica do Rogate. Em primeiro lugar, deve ser considerado o contexto em que surge o convite de Jesus à oração. Em Mt 9,37-38 é apresentada a atividade apostólica de Cristo, que «percorria todas as cidades e aldeias, ensinando nas suas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando todas as doenças e enfermidades» (Mt 9,35; cf. 4,23).

A paixão apostólica descrita no resumo de Mateus une-se à «compaixão amorosa» (esplagchnisthe) que Jesus sente ao ver as multidões «cansadas e exaustas, como ovelhas sem pastor» (Mt 9,36). O eco da tradição do Antigo Testamento é claro: o cumprimento da promessa messiânica realiza-se através do amor paterno-materno de Deus pelo seu povo, à semelhança da imagem do pastor que cuida do seu rebanho e o conduz a pastagens de vida (cf. Sal 22,2-3). Os discípulos não devem ignorar que o rebanho está ameaçado pela presença de lobos e mercenários (cf. Mt 10,16). Deus não abandona o seu povo (cf. Sal 36,28; 2 Mac 6,16), mas exige o envolvimento da comunidade dos discípulos tanto na oração (9,38) como na escolha e missão apostólica que se seguem (Mt 10,1-5a).

O chamado de Jesus de Nazaré situa-se no cerne do dinamismo do reino messiânico, levando a bom termo as promessas e as invocações atestadas desde o Antigo Testamento: o êxodo, a pregação, a ação taumatúrgica de Cristo e o seu amor compassivo pela humanidade culminam na oração vocacional do Rogate, à qual se segue a eleição dos apóstolos e o seu primeiro envio às cidades a evangelizar (cf. as instruções missionárias em Mt 10,5-42). A invocação vocacional deve ser interpretada como dinamismo impulsionador, mediação espiritual e força missionária recomendada por Jesus aos Doze e reelaborada na vida da comunidade após a Páscoa. A «palavra» do Senhor em Mt 9,38 expressa, por meio da metáfora agrícola significativa da colheita e dos trabalhadores, a tensão temporal e espacial entre a abundância da colheita madura que pede para ser ceifada de imediato (sem demoras nem dispersões) e a escassez de trabalhadores.

O convite a «rezar ao Senhor da colheita» para que envie trabalhadores para a «sua» colheita «manifesta a vontade de Cristo de envolver os discípulos na sua própria missão: o milagre, de certa forma, está nas nossas mãos, na medida em que soubermos dedicar aquilo que Deus deseja para a sua obra de salvação. O ir, o ensinar, o pregar e

¹⁷ Cf. Congregação dos Rogacionistas do Coração de Jesus, Constituições, art. 28; 48-49.

¹⁸ Ibid., n.º 49.

¹⁹ Cf. G. De Virgilio, Rogate, em Dicionário Bíblico da Vocação, 804-820.

o curar culminam e resumem-se no ato de «rezar ao Senhor da colheita». O Filho pede aos discípulos, antes de escolher os Doze e conferir-lhes o poder dos milagres (Mt 10,1), acima de tudo: «Rezem ao Senhor da colheita». O imperativo da oração dirigida a Deus, a quem pertence a messe, realça a dimensão trinitária e cristológica da realização do Reino, na qual os fiéis são chamados a participar.

A oração do Rogate está intimamente ligada ao «mistério do Reino», tal como a oração do «Pai Nosso» ilumina a nova relação dos fiéis com Deus «Pai» (cf. Mt 6,5-15). Conteúdos semelhantes encontram-se no paralelo de Lucas, que projeta o pedido na dimensão missionária dos discípulos enviados para anunciar a iminência do Reino (cf. Lc 10,2-3). Na economia da revelação evangélica, a oração do Rogate assume uma importância primordial: é um sinal de reconhecimento e de confirmação de que todo o projeto da salvação provém da vontade livre e suprema de Deus, através da qual se sintetizam o chamamento e a missão dos fiéis na história.

Em última análise, a vocação é, na sua essência, fruto da inefável iniciativa divina, na qual se insere a corresponsabilidade do cristão, chamado a «implorar» o dom dos missionários e a partilhar a paixão pelo destino da humanidade. A vinda de Cristo representa o «cumprimento do tempo messiânico», do qual o Rogate é expressão: a abundante colheita do mundo está madura (cf. Jo 4,32-38; Ap 14,15), o tempo da espera chegou ao fim, a invocação vocacional deve marcar a condição espiritual permanente de cada fiel que se torna, «em Cristo», protagonista operoso do Reino, vivendo a sua própria e específica vocação e missão.

Aplicação espiritual

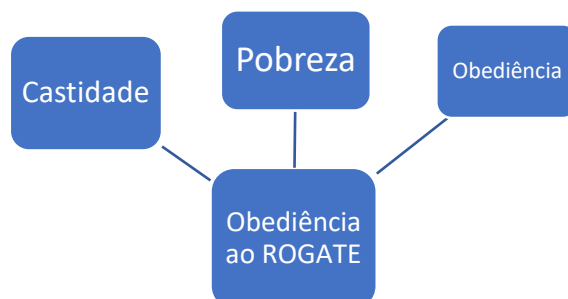
Cumprir o quarto voto, pelo qual nos comprometemos a viver plenamente a compaixão de Cristo pelas multidões e a «rezar ao Senhor da colheita para que envie trabalhadores para a sua colheita», significa entrar em plena comunhão com o coração de Cristo. Tal como viveu Santo Aníbal, também nós seguimos o seu exemplo, acolhendo com gratidão o carisma rogacionista. O voto permite-nos entrar na circularidade trinitária que nos faz participar no dinamismo vocacional expresso pelo Senhor Jesus ao longo da sua missão. Estamos conscientes da riqueza espiritual do Rogate.

Nele podemos distinguir seis dimensões: a) a dimensão trinitária, na medida em que somos chamados a colaborar no mistério do Reino com o envio de «bons trabalhadores»; b) a dimensão cristológica, que caracteriza a nossa fé no cumprimento do tempo messiânico; c) a dimensão salvífica, que se expressa no convite a acolher o Reino e a viver a compaixão pela salvação;

d) a dimensão eclesiológica, que nos permite perceber no Rogate a «oração da Igreja» pelo mundo; e) a dimensão antropológica, na qual estamos ao lado de cada homem, sobretudo daqueles que se encontram no sofrimento e na provação; f) a dimensão escatológica, que projeta a invocação vocacional na perspetiva do fim dos tempos e a abre no horizonte da bem-aventurança eterna. Viver todos os dias o Rogate significa para nós partilhar o mistério de Deus e do homem, do passado e do futuro, a

contemplação e, ao mesmo tempo, a ação do serviço e da oferta de nós mesmos ao Senhor.

Podemos indicar esquematicamente o dom dos quatro votos no seguinte quadro resumido



Palavras de Santo Aníbal

«Declaro ter sentido uma vocação especial por este piedoso Instituto e tê-lo escolhido, não só porque se consagrou às mais belas obras de caridade, tanto espirituais como temporais, ou seja, o resgate dos órfãos abandonados e a evangelização e o socorro às classes pobres e desamparadas, não apenas por motivos meus próprios e especiais, mas porque, talvez único na Santa Igreja, se consagrou à sublime missão daquela Palavra Divina do Evangelho: *Rogate ergo Dominum messis, ut mittat operarios in messem suam*; impondo-se por voto a obediência a este Mandamento do Divino Zelo do Coração de Jesus, ou seja, a oração diária para obter bons operários para a Santa Igreja e a propagação incansável e ativa da mesma em todo o mundo, sob o nome de Rogação Evangélica do Coração de Jesus.

Declaro, portanto, reconhecer que da fiel obediência a este Mandamento Divino e da propagação universal desta Rogação Evangélica poderão advir imensos benefícios para toda a Igreja e para todos os povos; o que poderá servir para inclinar o olhar misericordioso de Sua Divina Majestade para este modesto Instituto, desde que cada um dos seus membros, antigos ou novos, se empenhe de boa vontade e com a ajuda da Graça Divina, em corresponder dignamente à nossa vocação tão particular» (2.^a Declaração, Constituições, Roma 2010, p. 162-163).

Conclusão

A transmissão do *Rogate* e o cumprimento dos quatro votos permitem-nos compreender a nossa participação singular na difusão do Reino. Sendo Deus a origem da salvação e a fonte de toda a vocação, Ele deseja que cada homem seja corresponsável pela eleição e pelo envio dos «bons trabalhadores» para a Sua colheita. Somos testemunhas desta graça celestial e sentimo-nos responsáveis por um mandato que se concretiza através do nosso «Sim» ao dom de Deus. A evangelização, tal como o serviço aos pobres, faz-nos viver cada vez mais a nossa vocação e missão.

Tendo como modelo a Virgem Maria, mãe do *Rogate*, caminhamos rumo ao ano jubilar de Aníbal, com a alegria e a esperança que Maria expressou no cântico do *Magnificat*. Assim, o Papa Leão conclui a sua primeira encíclica:

«A Virgem Maria não só nos ensina a ver a ação invisível de Deus, mas também dirige o nosso olhar «para os pontos de ruptura da humanidade, ali onde se verifica a distorção do mundo, no contraste entre humildes e poderosos, entre pobres e ricos, entre saciados e famintos», educando-nos «a adquirir um ponto de vista diferente para olhar o mundo a partir de baixo, com os olhos de quem sofre, e não com a ótica dos grandes; para olhar a história com o olhar dos pequenos e não com a perspectiva dos poderosos; para interpretar os acontecimentos da história com o ponto de vista da viúva, do órfão, do estrangeiro, da criança ferida, do exilado, do foragido». Assim, a Virgem torna-se «poetisa e profetisa da redenção», porque dos seus lábios jorra «o hino mais forte e inovador que alguma vez foi pronunciado, o *Magnificat*; é Ela quem revela o desígnio transformador da economia cristã, o resultado histórico e social, que ainda hoje retira do cristianismo a sua origem e a sua força»²⁰.

Roma, 6 de agosto de 2026
Aniversário da Aprovação Canônica
da Congregação, Messina 1926

Pe. Bruno Rampazzo, RCJ
Superior Geral

²⁰ Leão XIV, *Magnifica Humanitas*, n.º 244.